ISSN: 2358-8829

CULTURA MATERIAL DA CARPINTARIA NAVAL NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS EM VIGIA DE NAZARÉ

Wagner César Pinheiro Costa [1]

INTRODUÇÃO

O presente estudo debruça-se sobre a importância da valorização dos saberes locais da carpintaria naval na Amazônia vigiense, saberes estes imbricados na cultura material, como possíveis contribuições em propostas curriculares interculturais na Educação Física da EJAI em Vigia de Nazaré. A investigação parte da compreensão de que as práticas corporais presentes no trabalho dos carpinteiros navais constituem experiências culturais que produzem conhecimentos. Vigia de Nazaré situa-se no nordeste do estado do Pará, a aproximadamente 104 km de Belém, a cidade destaca-se como uma das mais antigas da Amazônia paraense, com 410 anos de fundação e é reconhecida como um potente polo pesqueiro e a principal fonte de geração de renda local.

A valorização dos saberes tradicionais constitui um importante desafio para a construção de currículos interculturais comprometidos com as realidades locais. Nesse contexto, este estudo objetivou analisar as contribuições da cultura material da carpintaria naval como possibilidade pedagógica no currículo intercultural da Educação Física na Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Em relação à cultura material da carpintaria naval, esta é permeada por práticas diversas que se apresentam no interior dos estaleiros artesanais. Em cada uma dessas práticas, tecem-se diferentes artefatos, técnicas e modos de construção que, em seu conjunto, constituem a cultura material e imaterial da carpintaria naval. Desse modo, na cultura material, percebe-se a presença de artefatos que dão forma a diferentes modelos de embarcações. Nas práticas da carpintaria naval, os modos de fazer relacionam-se também com os saberes dos mestres carpinteiros, visto que estes são detentores de uma técnica apurada, transmitida ao longo de gerações e de grande relevância social e cultural.

Pensar na possibilidade de inserção da cultura material da carpintaria naval no currículo intercultural da Educação Física na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) em Vigia de Nazaré é, sobretudo, apresentar alternativas para a superação da hegemonia eurocêntrica nos

[1] Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA- Bragança), wagnercesaref@gmail.com

ISSN: 2358-8829

currículos escolares, que acabam por desvalorizar, negligenciar e subalternizar os saberes locais. A Amazônia possui uma grande variedade de povos indígenas, comunidades tradicionais, ribeirinhos, quilombolas e diversos grupos étnicos que enriquecem a diversidade cultural. Essa diversidade de sujeitos é fundamental para compreendermos a complexidade e a riqueza cultural da região, bem como para contribuir com a valorização e o respeito pela pluralidade de identidades e saberes presentes na Amazônia.

> Por isso mesmo pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela- saberes socialmente construídos na prática comunitária- mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (Freire, 1996, p.30).

Em relação ao exposto, observa-se nos últimos anos um intenso debate acadêmico sobre a temática. Pois, segundo Cunha (2007):

> Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo contrário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modos de fazer. Outros protocolos (Cunha, 2007, p.78).

Em contextos amazônicos, a carpintaria naval não pode ser compreendida como apenas técnicas de produção, pois são formas de saberes inscritas no corpo, no tempo e no território. Nesse contexto, a valorização desses saberes no currículo escolar decorre da necessidade de sobrepujar a histórica subalternização epistemológica, que relegou ao silêncio os saberes considerados não hegemônicos e desvalidados pela cultura eurocêntrica.

> Compreendemos ainda a necessidade dos sujeitos das Amazônias promoverem diálogos entre os seus saberes e aqueles construídos historicamente em outras regiões brasileiras e do mundo que chegam por meio das políticas educacionais, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que institucionalizou processos de padronização de conhecimentos, invisibilizando as identidades e as culturas regionalizadas e vem, hegemonicamente, promovendo uma uniformidade curricular que favorece a exclusão social, notadamente das pessoas que precisam retornar às escolas por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Maciel; Figueirêdo; Silva, 2024, p.136).

Nesse sentido, a cultura material da carpintaria naval no currículo da Educação Física Escolar vigiense pode possibilitar condições educativas nas quais os artefatos utilizados pelos mestres carpinteiros sejam reconhecidos epistemologicamente como intrínsecos às subjetividades e a cultura corporal de movimento capazes de dialogar com o currículo local. Para Miller (2103), o imaterial se expressa pelo material. Então, descobrimos que a maioria das pessoas prefere uma gradação entre os dois, em lugar de um rígido dualismo". Assim, esta investigação busca problematizar a cultura material da carpintaria naval como referência para

ISSN: 2358-8829

a possibilidade de construção de currículos contextualizados e socialmente significativos da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos na Amazônia vigiense. A questão orientadora, portanto, indaga de que forma os objetos e práticas presentes no cotidiano dos estaleiros tradicionais podem ser compreendidos como expressões da cultura material.

METODOLOGIA

O estudo ancora-se na abordagem da Nova História Cultural (NHC), por compreender que os processos históricos são construídos a partir das experiências, representações e práticas culturais produzidas pelos sujeitos em seus contextos sociais. Para Chartier (1990), a realidade social deve ser compreendida como um constructo das representações coletivas pelas quais os sujeitos atribuem sentidos ao mundo, a si próprios e aos outros. Dessa maneira, a pesquisa buscou compreender os artefatos utilizados na carpintaria naval como expressões da cultura material amazônica, considerando os mesmos como a materialização de saberes produzidos historicamente entre as gerações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Silva, 2004), de caráter exploratório (Gil 2008), com proposta pedagógica fundamentada nos achados da pesquisa. No estudo foi utilizada pesquisa de campo, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas com dois carpinteiros artesanais.

> A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (Gonsalves, 2001, p.67).

A pesquisa de campo ocorreu em um estaleiro localizado à rua do Funil, no bairro do Arapiranga. O critério de escolha dos interlocutores ocorreu por meio da participação voluntária, na qual dois carpinteiros se dispuseram a participar do estudo. Para a investigação, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta das informações foi realizada com base na História Oral (Meihy; Holanda, 2023), utilizando gravações das entrevistas e posterior transcrição das narrativas dos interlocutores. Como método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises. História oral como metodologia implica formular as entrevistas como epicentro da pesquisa (Meihy; Holanda, 2023, p.72).

A análise dos dados ocorreu em dois movimentos: inicialmente, as narrativas foram interpretadas à luz da Nova História Cultural (Chartier. 1990), buscando compreender as representações construídas pelos interlocutores sobre os artefatos, em seguida, dialogaram-se com a epistemologia das práticas culturais (Certeau, 2014) para compreender o cotidiano como espaço de apropriações, reinvenções e táticas produzidas pelos sujeitos. A análise também foi orientada pelos pressupostos da Cultura Material, considerando os artefatos como participantes das relações entre saberes, corpo e cultura

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante das informações apresentadas, debruçou-se sobre a investigação dos fenômenos presentes no estaleiro Esperança.

Figura 1: Estaleiro “Esperança”



Fonte: Autor, 2026.

Primeiramente, consideramos relevante compreender os estaleiros artesanais como lugares de produção de cultura e de espaço. Para Certeau (1994, p. 78), “as práticas cotidianas carregam uma memória. São saberes que são transmitidos sem manual, inscritos nos corpos e nos usos do espaço”. Para o autor, o cotidiano é atravessado por práticas que não apenas ocupam o território, mas o produzem, convertendo o espaço físico em espaço vivido.

> Em seu agir como educadores, os mestres carpinteiros têm um papel significativo na sobrevivência dos saberes de construção de barco, pois ao garantirem a transmissão desses saberes, educam os aprendizes garantindo a perpetuação, ao menos à próxima geração, desse legado cultural amazônico (Gualberto, 2009, p.20).

Os estaleiros são fontes de onde emergem as complexidades das subjetividades e as concepções sobre a tríade sujeito, corpo e sociedade. Desse modo, ao reconhecermos os estaleiros como espaços formativos e os mestres carpinteiros como educadores de ofício, somos convocados a refletir sobre a centralidade desses sujeitos na preservação da memória e da identidade amazônica.

ISSN: 2358-8829

Figura 2: Interlocutores da pesquisa (Mestres João e Pedrinho).



Fonte: Autor, 2026.

Em relação a maneira aos processos educativos, quando indagado sobre como aprendeu a construir embarcações, “João” afirmou que:

> Aprendi desde os meus 12 anos de idade observando e ouvindo meu pai [...] ficamos tudo trabalhando junto e aí depois ele morreu e nós continuamos” [...] foi mais olhando [...] meu pai dizia [...] olha [...] faz assim [....] aí a gente aprendeu [...] tudo eu perguntava [...] sangue dele né e foi indo. (Informação verbal)[2]

Diante da mesma indagação, Pedrinho respondeu:

> Aprendi através do meu pai [...] primeiramente a Deus, né [...] e depois meu pai que já se foi [...] aí depois minha família conheceu o mestre Zuza [...] que é o pai dele (João) aí [...] aprendi só olhando e perguntando as coisas [...] eles que já sabiam mais do que eu [...] ficava do lado deles [...] pra onde eles iam, eu tava do lado deles [...] escutava tudo e prestava atenção. (Informação verbal)[3]

Diante das falas dos interlocutores, verificou-se que o estaleiro é um local pedagógico no qual o processo de ensino e de aprendizagem ocorre de maneira não formal e, em sua maior parte, por meio do diálogo, ou seja, ancorado na cultura da conversa. Segundo Gualberto (2009), o estaleiro é um espaço pedagógico e o mestre carpinteiro é o docente de uma "escola sem muros", onde a flexibilidade do ensino e o diálogo são condições primordiais desse espaço. Dessa forma, nota-se que, nesse caso, a aprendizagem desenvolveu-se a partir da observação cuidadosa, da escuta ativa e do envolvimento direto nas práticas corporais cotidianas desde a infância dos interlocutores, constituindo um processo educativo informal e contínuo.

> O corpo caracteriza-se, portanto, como espaço social de produção e significação. E é

[2] Entrevista, 2026.
[3] Entrevista, 2026.

> inserido nesse processo simultâneo de reconhecimento e diferenciação que o sujeito se constitui e se posiciona. Os sentidos que cada sujeito atribui a si mesmo, ao seu corpo e ao do outro são produtos de um processo de significação cultural (Neira, 2018, p.21).

Os artefatos culturais utilizados na fabricação de embarcações são elementos que denotam a presença de saberes que foram repassados intergeracionalmente no interior dos estaleiros, no caso deste estudo, nos estaleiros vigienses. Em relação à cultura material, esses elementos não são compreendidos apenas por sua função prática, mas sobretudo pelos sentidos sociais, simbólicos, culturais e históricos que carregam. Os artefatos tornam-se culturais na medida em que são compreendidos como mediadores das relações sociais, da memória e da identidade cultural.

No que se refere aos objetos presentes no estaleiro, remetemo-nos a Dohmann (2017, p. 44): "Os objetos contam muitas histórias, ao mesmo tempo em que se tornaram o testemunho material de muitas delas". Nesse viés, todas as corporeidades imbricadas no cotidiano do estaleiro Esperança têm íntima relação com as materialidades ali presentes que atravessaram gerações dentro de um contexto histórico. Burke (2004) destaca que as imagens são fontes legítimas de testemunhos históricos, pois revelam não apenas os artefatos do passado, mas também suas conexões na organização e no uso. Nesse contexto, apontamos a necessidade de uma reflexão ancorada em uma visão cosmogônica para compreender que os estaleiros não são somente o local de trabalho, mas integram um sistema simbólico mais amplo que organiza a relação entre os corpos, os artefatos e a natureza, conforme explica João:

> Aqui é meu mundo [...] tem árvores, igarapé, sombra [...] vivo tranquilo sem ninguém pra perturbar [...] tomo minha cachaça quando acaba o serviço [...] todo sábado a tarde, né [...] a gente faz o avoado e toma nossa birita [...] aqui é uma família, sabe [...] é, é minha casa [...] nem gosto de sair daqui pra ir pra fora. (Informação verbal)[4]

A construção de embarcações revela saberes que não se apresentam somente na materialidade, mas também nas conexões das práticas corporais e culturais e os mesmos quando mediados pelos artefatos ali presentes. Isso fica evidente na forma como Pedrinho, respondeu ao ser questionado sobre o passo-a-passo da fabricação de uma embarcação.

> A gente começa separando as madeiras [...] carregando [...] a quilha [...] como já mostrei ali, né [...] talha-mar [...] aí depois vem os cavername dela [...] justamente esse aí ó [...] essa caveira que tem por dentro [...] aí de pois disso aí, a gente vai forrar ela [...] a gente forra tudinho de tábua [...] entendeu [...] aí de pois a gente vai pra parte de entro que vem urna, convés, casinhola [...] e o que eles vão pedindo a gente vai fazendo. (Informação verbal)[5]

[4] Entrevista, 2026.
[5] Entrevista, 2026.

ISSN: 2358-8829

João acrescentou que cada parte de uma embarcação se utiliza determinada madeira. Sobre a escolha das madeiras, João relatou que:

> A gente usa sapucaia [...] é [...] pra forrar ele né [...] o angelim vermelho pra quilha [...] sapucaia também [...] pro cavername piquiá [...] pra convés tantajuba e piquiá [...] a gente usa louro também [...] esses tipos de madeira de lei [...] é madeira própria pra embarcação. (Informação verbal)[6]

Diante das falas de Pedrinho e João, apresenta-se a especificidade de cada detalhe acerca da construção de uma embarcação. A vista disso, apresentamos alguns dos artefatos culturais utilizados no estaleiro "Esperança".

Quadro 1: Alguns artefatos utilizados no estaleiro "Esperança"

	Enxó		Grampo
	Martelo		Motoserra
	Serrote		Compasso

Fonte: Autor, 2026.

No quadro 1, observa-se a diversidade dos artefatos culturais presentes no saber-fazer da carpintaria artesanal presentes no cotidiano do estaleiro "Esperança". Para Burke (2004), as imagens são relevantes testemunhos da história ao revelar indícios confiáveis do processo histórico-cultural envoltos nas subjetividades e usos dos artefatos culturais. Todas essas assertivas ficam evidentes por meio da fala de Pedrinho: "Eu aprendi ainda menino [...] cada ferramenta tem história [...] olha [...] esse formão aqui já passou por gerações [...] isso aqui [...] ó [...] aqui [...] a enxó, o serrote [...] esses aqui [...] são companheiros [risos] a gente trabalha [...] é [...] junto". (Informação verbal)[7]. Destarte, os artefatos culturais não apenas registram marcas de uso das técnicas ou idiossincráticas de seus sujeitos, mas também operam como extensões da identidade, incorporando as subjetividades que se constituem na

[6] Entrevista, 2026.
[7] Entrevista, 2026.

interação entre corpo, objetos e coletividades. Sobre a maneira como aprendeu a utilizar os artefatos da carpintaria naval, Pedrinho informou que:

> Aprendi aqui [...] olhando meu pai escolher a madeira certa [...] saber se estava boa ou rachada por dentro [...] na conversa [...] meu pai foi me contando histórias [...] de embarcações que não deram certo [...] ficou empenada [...] porque a madeira [...] é [...] não deu tempo certo pra descansar ela" [...] a gente vai aprendendo assim. (Informação verbal)[8].

Figura 3- Artefatos manuais sendo utilizados pelos mestres carpinteiros.



Fonte: Autor, 2026.

A figura 3 evidencia a dinâmica na utilização de artefatos manuais no ofício da carpintaria naval, desenvolvida no estaleiro Esperança e indispensáveis às fases que exigem sensibilidade, ajuste fino e domínio técnico apurado dos interlocutores. Essa articulação entre o uso desses artefatos e o saber-fazer dos sujeitos demonstra as várias nuances que se apresentam na carpintaria naval em relação ao corpo. A relação do corpo com o ofício da carpintaria naval demanda também o conhecimento produzido pelos carpinteiros sobre seus próprios corpos. O que se notou durante a investigação foi a incidência de movimentos repetitivos que solicitavam capacidades físicas como resistência, força, equilíbrio, lateralidade, coordenação motora, dentre outras. Porém o que chamou a atenção foi a não percepção dos carpinteiros acerca da necessidade de cuidados ergonômicos no cotidiano do ofício.

Os achados desta investigação apontam possibilidades para a construção de relações entre os saberes corporais dos carpinteiros artesanais, a cultura material e os conhecimentos escolares. Dessa forma, este estudo apresenta possibilidades curriculares fundamentadas nos achados do estudo. Essas possibilidades partem da compreensão de que o currículo pode incorporar experiências culturais significativas dos sujeitos e dos territórios nos quais a escola está inserida. Nesse cenário, a interculturalidade crítica permite compreender a educação como espaço de reconhecimento e problematização das relações históricas de poder que produzem a invisibilização de determinados saberes, sujeitos e modos de vida. No contexto da EJAI em Vigia de Nazaré, reconhecer as experiências, trajetórias de vida e diferentes formas de produzir conhecimentos pode possibilitar uma aproximação

[8] Entrevista, 2026.

ISSN: 2358-8829

mais significativa entre currículo e a realidade local. Nesse sentido, a Educação Física pode problematizar práticas corporais do trabalho e técnicas, considerando os estudantes como sujeitos que chegam à escola portando conhecimentos produzidos ao longo de suas vidas.

> Enquanto artefatos culturais produzidos pela linguagem corporal, as danças, esportes, lutas, ginásticas ou brincadeiras são passíveis de inúmeras leituras e significações. A seu tempo, as representações sobre essas manifestações e seus participantes são disseminadas pelos discursos produzidos e/ou postos em circulação por segmentos interessados (Neira, 2022, p.06).

Pensar possibilidades curriculares interculturais para a EJAI em Vigia de Nazaré implica, portanto, ampliar o diálogo entre conhecimentos sistematizados pela escola e aqueles construídos nas experiências cotidianas das comunidades. Neste estudo, no contexto da Educação Física Escolar possibilita-se valorizar e reconhecer que as práticas corporais presentes no cotidiano da carpintaria naval como expressões legítimas da cultura amazônica, capazes de ampliar o currículo escolar por meio da integração entre corpo e cultura material.

Nesse cenário, remetemo-nos a Walsh (2006), sob a perspectiva de interculturalidade crítica é possível compreender a educação como espaço de reconhecimento e problematização das relações históricas de poder que produzem a invisibilização de determinados saberes, sujeitos e modos de vida. Nesse sentido, a cultura material da carpintaria naval no currículo da Educação Física Escolar vigiense pode possibilitar condições educativas nas quais os artefatos utilizados no ofício sejam reconhecidos epistemologicamente como elementos relacionados às subjetividades, às práticas corporais e as dos sujeitos.

A partir desses achados, foram elaboradas possibilidades curriculares para a Educação Física Escolar na EJAI.

Quadro 2: Possibilidades curriculares

Eixo de conhecimento	**Possibilidade de problematização**	**Possibilidades em Educação Física**
Corpo e corporeidade	Como o corpo participa do saber-fazer da carpintaria naval?	Gestos, posturas, força, equilíbrio, coordenação e experiências corporais presentes no trabalho dos mestres carpinteiros.
Motricidade e saber-fazer	Como os movimentos são aprendidos, aperfeiçoados e transmitidos no ofício?	Coordenação motora, precisão, destreza manual, percepção espacial e domínio técnico dos gestos.
Cultura material	O que os artefatos da carpintaria naval revelam sobre a história e os modos de vida dos sujeitos?	Identificação, usos, funções, transformações e significados culturais das ferramentas e dos objetos presentes no estaleiro.
Ergonomia e saúde do trabalhador	Como as posturas e os movimentos realizados no trabalho podem afetar o corpo?	Ergonomia, prevenção de lesões e cuidados com o corpo no trabalho artesanal.

ISSN: 2358-8829

Corpo e medida	Como o corpo participa das formas de medir, marcar e construir uma embarcação?	Proporção, alcance, envergadura, percepção espacial, medidas corporais e relações entre corpo, madeira e embarcação.
Saberes intergeracionais	Como os saberes da carpintaria naval são aprendidos e transmitidos entre gerações?	Observação, escuta, repetição, imitação, diálogo e participação prática no processo de aprendizagem do ofício.
Interculturalidade	Quais conhecimentos são reconhecidos pela escola?	Diálogo entre saberes locais e conhecimentos sistematizados; problematização das hierarquias epistemológicas.
Educação não escolar	Como o estaleiro se constitui como espaço de formação e aprendizagem?	Reconhecimento do estaleiro e do mestre carpinteiro como espaços e sujeitos educativos, valorizando aprendizagens produzidas fora da escola.

Fonte: Autor, 2026.

Considerações Finais

A análise desenvolvida neste estudo evidenciou que a cultura material da carpintaria naval constitui uma referência relevante para pensar em possibilidades de construção de um currículo intercultural da Educação Física na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) em Vigia de Nazaré. As narrativas dos mestres João e Pedrinho, articuladas às observações realizadas no estaleiro Esperança, indicaram que a construção de embarcações não se restringe a gestos repetitivos e ferramentas, pois envolve experiências corporais, memória, oralidade e saberes produzidos historicamente. Nesse sentido, os saberes do ofício são construídos e compartilhados nas relações entre gerações, por meio da observação, da escuta, da pergunta e da participação cotidiana nas atividades do estaleiro.

Os achados também permitiram compreender que os artefatos utilizados na carpintaria naval como a enxó, o martelo, o serrote, o grampo, o compasso e a motosserra não possuem apenas uma função instrumental, pois seus usos e significados estão relacionados às trajetórias dos sujeitos e às experiências acumuladas no exercício do ofício. No entanto, os saberes tradicionais nem sempre são reconhecidos pelos currículos escolares, embora constituam parte importante da história, da identidade e dos modos de vida da população vigiense. Nesse contexto, o estaleiro Esperança revela-se como espaço de produção cultural e de aprendizagem, no qual corpos, artefatos, natureza e comunidade se articulam na elaboração e na transmissão de saberes.

No campo da Educação Física, esses resultados apontam possibilidades para ampliar a compreensão das práticas corporais para além dos conteúdos tradicionalmente associados aos

ISSN: 2358-8829

esportes e às modalidades institucionalizadas. Os gestos, as posturas, a força, o equilíbrio, a coordenação motora e a percepção espacial mobilizados na carpintaria naval podem constituir temas de investigação e problematização pedagógica, em diálogo com os conhecimentos sistematizados pela escola. Do mesmo modo, a discussão sobre ergonomia e cuidados com o corpo no oficio da carpintaria naval pode favorecer reflexões acerca dos esforços repetitivos e das condições corporais envolvidas no cotidiano, sem desconsiderar a experiência e os conhecimentos dos próprios carpinteiros.

Na EJAI, essa aproximação assume particular relevância porque reconhece os estudantes como sujeitos portadores de histórias, experiências e conhecimentos construídos em suas trajetórias de vida e trabalho. A incorporação crítica desses saberes ao currículo pode contribuir para estabelecer relações mais significativas entre a escolarização e as realidades locais vigienses, valorizando as experiências dos educandos. De acordo com a perspectiva da interculturalidade crítica discutida neste estudo, não se trata apenas de incluir elementos da cultura local no planejamento escolar, mas de problematizar as hierarquias que historicamente definem quais conhecimentos são legitimados e quais permanecem invisibilizados.

Desse modo, a valorização da cultura material da carpintaria naval representa uma possibilidade pedagógica e, ao mesmo tempo, uma posição ética, política e epistemológica diante das matrizes curriculares homogeneizadoras. Embora o reconhecimento normativo da diversidade cultural seja importante, ele não garante, por si só, a presença efetiva dos saberes amazônicos nas práticas escolares.

Por fim, é necessário considerar os limites desta investigação, desenvolvida a partir de pesquisa de campo em um estaleiro artesanal e das narrativas de dois interlocutores. Os resultados não pretendem esgotar a diversidade de experiências da carpintaria naval vigiense, mas oferecem elementos para novas pesquisas e para a elaboração de experiências curriculares que possam ser discutidas. Conclui-se, portanto, que a cultura material da carpintaria naval pode contribuir para a construção de um currículo intercultural da Educação Física na EJAI em Vigia de Nazaré, articulando corporeidade, motricidade, memória, identidade e pertencimento e aproximando os conhecimentos escolares dos saberes produzidos nas experiências sociais da Amazônia vigiense.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 13, p. 45-56, 2008.

Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 ago. 2026.

CERTEAU, De. Michel. **A invenção do cotidiano**, v. 2, p. 14-29, 1994.

CHARTIER, Roger *et al*. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DA CUNHA, Manuela Carneiro. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. Revista USP, n. 75, p. 76-84, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.

GUALBERTO, A. J. P. **Embarcações, Educação e Saberes culturais em um estaleiro Naval da Amazônia**. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

MACIEL, Rogerio Andrade; FIGUEIRÊDO, Arthane Menezes; SILVA, Luis Henrique dos Reis. "Artes de fazer e remendar redes": cultura material da pesca e o currículo na Educação de Jovens e Adultos na Amazônia bragantina, Estado do Pará, Brasil. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 11, n. 2, p. 134-150, 2024. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9481. Acesso em: 19 ago. 2026.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2023.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural**. Editora Blucher, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia. Por uma sociedade menos injusta: experiências com a Educação Física cultural. **Linhas Críticas**, v. 28, 2022.

SILVA, Cassandra Ribeiro de O. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**: guia prático. Fortaleza: Editora da UFC, 2004

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento 'otro' desde la diferencia colonial. In: WALSH, C.; LINERA, A. G.; MIGNOLO, W. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006. p. 21-70.